o verde-oliva

Centro de Relações Públicas do Exército

EDIÇÃO ESPECIAL
Brasília, 1974

13 DE DEZEMBRO
DIA DO MARINHEIRO

Dia do Marinheiro. Data de regozijo e de orgulho nacional, evocativa de um passado pontilhado de glórias e profícuas realizações. Aniversário natalício do Almirante Tamandaré, Patrono da Marinha Brasileira e figura exemplar de soldado e cidadão. Efeméride que sensibiliza os corações brasileiros, inspirando plena confiança na Marinha de hoje e convicção no seu grandioso porvir. Ontem, agora, amanhã e sempre, o vulto heróico do Marinheiro destacando-se na história pátria pelos próprios méritos e impondo-se à nossa admiração e eterno respeito. Através da capacidade profissional, de sua reconhecida perícia e dos exemplos constantes de desprendimento e bravura, muitas vezes com o sacrifício da própria vida, em defesa dos supremos interesses do Brasil.

A nossa Marinha nasceu, do mesmo modo que o Exército, juntamente com o Brasil-Nação. A epopéia gloriosa da consolidação da Independência foi a moldura candente de seu berço guerreiro, forjando a têmpera de seu caráter eminentemente nacional e plasmando o seu espírito dinâmico e responsável. Fiel às suas origens, por mais de um século e meio, vem assegurando brilhante participação na construção do Brasil Grande, na paz e na guerra, como atenta guardiã das mais puras aspirações nacionais.

Nos graves momentos da vida brasileira, em que a nossa soberania esteve ameaçada por interesses alienígenas, a Marinha do Brasil sempre assinalou a sua marcante presença, com dignidade e patriotismo, lavando, com o nobre sangue de seus heróis, os ultrajes à honra nacional. As lutas na Cisplatina, as campanhas contra Oribe, Rosas e Aguirre, como a prolongada Guerra do Paraguai, são exemplos admiráveis dessa eterna vigilância, onde pontificaram os vultos luminares de bravos marinheiros, como Barroso, Greenhalg, Mariz e Barros, Inhaúma, Marcílio Dias e o imortal Tamandaré. No último desses conflitos, a contribuição da Armada brasileira foi fundamental ao sucesso da Tríplice Aliança. A nossa indiscutível superioridade naval, ratificada pela neutralização da frota adversária em RIACHUELO, na Passagem de Curupaiti e em Humaitá, desequilibrou em nosso favor o pêndulo da vitória. O domínio completo da bacia do Prata pela nossa Marinha de Guerra, proporcionando o apoio de fogo às operações terrestres, além do transporte regular e seguro de tropas e de suprimentos, determinou o envolvimento estratégico do antagonista e apressou o fim da campanha.

Para honrar os nossos compromissos internacionais e repelir agressões soletas e traiçoeiras aos nossos navios, que viajavam protegidos por nossa neutralidade, a Marinha foi chamada a intervir em dois conflitos mundiais, onde confirmou o seu glorioso passado. Na 1.ª Guerra Mundial, sob o comando do bravo Almirante Frontin, uma Divisão Naval brasileira participou com pleno êxito da segurança das costas africanas, guarnecendo o setor entre Dacar e Gibraltar. Na 2.ª Guerra Mundial, os nossos marujos desempenharam um papel heróico na Batalha do Atlântico, patrulhando e protegendo o litoral, escoltando comboios internacionais, destruindo belonaves inimigas e mantendo as rotas indispensáveis às comunicações, ao comércio e ao abastecimento de nosso país.

Atualmente, com as suas responsabilidades ampliadas pelo Mar Territorial das 200 milhas, a Marinha Brasileira integra-se ao espírito modernizador da Revolução de 1964, fortalecendo o Poder Naval, para o cumprimento de sua relevante tarefa de domínio do mar. Ampliando e renovando os meios flutuantes, através da construção e compra de novas unidades, adestrando as suas Forças Navais, Aeronavais e o Corpo de Fuzileiros Navais ou ainda cooperando na integração e no desenvolvimento de nosso povo, está a Marinha pronta para cumprir os seus sérios compromissos com a Pátria Brasileira.

Ao comemorarmos o Dia do Marinheiro, portanto, rendamos as mais justas homenagens aos nossos valorosos soldados do mar. Honra e glória ao seu insigne Patrono, JOAQUIM MARQUES LISBOA, o Marquês de Tamandaré.

RENOVAÇÃO DOS

NO contexto da segurança nacional, foi reservada à Marinha a difícil tarefa do uso, controle e, quando necessário, o domínio do mar territorial, das águas interiores e da plataforma submarina. O simples enunciado dessa missão revela a sua magnitude, tanto mais importante se considerarmos a extensão do nosso litoral, a pujança de nossas bacias hidrográficas e a recente ampliação do mar territorial para as 200 milhas. Para atender os seus crescentes compromissos com a Nação, a Marinha de Guerra vem realizando uma contínua modernização, não somente adestrando o seu pessoal de acordo com os mais recentes preceitos de guerra naval, como dedicando especial atenção ao aumento do Poder Naval, através da incorporação de novas unidades.

Coerente com este imperativo de segurança, a Administração Naval vem desenvolvendo, com objetividade e realismo, o Plano de Renovação dos Meios Flutuantes, de modo contínuo e crescente. Empreendimento de vulto, que leva na devida conta as vantagens do estímulo à indústria nacional, esse programa, ajustado à capacidade financeira nacional, dá ênfase à construção de navios nos nossos estaleiros e, como complementação, prevê a construção e a aquisição de novas unidades no exterior.

O Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, situado na Ilha das Cobras, sofreu profunda reestruturação em suas instalações, para atender a tarefa de construir navios de grande e pequeno portes. Com novos equipamentos, mão-de-obra altamente especializada e moderna tecnologia, vem construindo navios-patrulha, costeiros e fluviais, a fragata **União** e concluiu a fragata **Independência,** que foi lançada ao mar no dia 2 de setembro último. Visando a descentralização dos serviços e a liberação do AMRJ para a construção, as Bases Navais Distritais realizam reparos navais e apóiam os navios subordinados à área. Dentre essas, a Base Naval de Aratu destaca-se como a principal, por seu porte e condições de atualização, estando apta a realizar trabalhos de envergadura, como a reparação de diversos

A Marinha do Brasil vem realizando um extraordinário trabalho, desde 1966, no sentido de manter a sua frota atualizada, com a execução do Plano de Renovação dos Meios Flutuantes. Construindo navios em seus próprios estaleiros, estimulando a indústria de construção naval brasileira e adquirindo novas unidades no estrangeiro, a nossa Marinha de Guerra prepara-se hoje para responder aos desafios do futuro.

MEIOS FLUTUANTES

contratorpedeiros que realiza no momento.

A indústria de construção naval brasileira vem também participando ativamente do programa de renovação de nossa Marinha de Guerra. Os nossos estaleiros civis tiveram a seu cargo a construção do navio-tanque **Marajó**, de navios hidrográficos, de navios-patrulha fluviais, o navio-faroleiro **Graça Aranha** e o navio de pesquisas oceanográficas **Álvaro Alberto**.

MODERNIZAÇÃO

Para atender às nossas necessidades de modernização, fomos de recorrer aos estaleiros estrangeiros para a construção ou aquisição de vários navios, de tecnologia sofisticada, ainda não alcançada pela nossa indústria naval. Dessa forma, encomendamos a construção na Inglaterra de quatro fragatas da classe **Niterói**, dos tipos antisubmarino e emprego geral, unidades modernas e de grande poder de combate, reforçadas em breve por helicópteros **Linx**, adquiridos ao mesmo país. Nos estaleiros ingleses contratamos a construção de três submarinos da classe **Oberon** e que, no momento, podem ser considerados como dos mais aperfeiçoados submarinos convencionais da guerra antisubmarina. Na Alemanha Ocidental, encomendamos a construção de seis navios-varredores costeiros, da classe **Aratu**, que dispõem dos mais avançados requisitos técnicos, exigidos pela sua perigosa missão de varrer os mares, precedendo a Esquadra. Nos Estados Unidos foram comprados submarinos, contratorpedeiros, navios de desembarque, navio-socorro de submarinos e navios de pesquisa oceanográfica, que vieram atender as necessidades de importantes setores de nossa Marinha de Guerra.

A síntese acima exposta, motivo de orgulho para os brasileiros, é suficiente para aquilatarmos o esforço empreendido pela Marinha do Brasil, no sentido de seu reequipamento naval. Esforço que, somado à contínua preocupação com o preparo e o adestramento do Homem, é plenamente recompensado pela serena confiança transmitida à Nação, de que a Marinha de hoje está pronta para enfrentar os desafios maiores do presente e do porvir.

CENTRO MÉDICO NAVAL MARCÍLIO DIAS

O Centro Médico Naval Marcílio Dias — CMNMD, situado na Guanabara, já se encontra com todas as suas clínicas funcionando dentro do sistema de atendimento integrado, assistindo a militares da Marinha e seus dependentes.

A criação do Fundo de Saúde da Marinha — FUSMA — veio possibilitar a unificação da assistência médica para toda a família naval. Paralelamente, foi criado o Centro Médico Naval com a finalidade de centralizar-se os serviços de saúde na Guanabara e, também, funcionar como hospital de base, sendo o último elo da cadeia hospitalar da Marinha em todo Brasil.

Recentemente, clínicas que funcionavam no Hospital Central da Marinha, na Ilha das Cobras, foram transferidas para o Marcílio Dias, evitando-se assim a dispersão dos serviços e ensejando maior especialização com a concentração de meios e recursos.

• Nos próximos cinco anos, um novo Centro Médico Naval Marcílio Dias surgirá no mesmo local, de acordo com o anteprojeto já aprovado, o qual prevê um aumento de 400 leitos, perfazendo um total de 600 com os existentes. Ocupará uma área de 96.500 metros quadrados, já demarcada, com 50.000 metros quadrados de área construída.

Tanto os militares como os seus dependentes já estão sendo atendidos nas diversas clínicas em funcionamento, como, sejam: Hospitalização — Clínica Médica, Doenças Transmissíveis, Cardiologia, Neurologia, Cirurgia Geral, Cirurgia Torácica, Cirurgia Vascular e Periférica, Neurocirurgia, Cirurgia Plástica e Protologia; Ambulatórios e Serviços — Cirurgia Torácica, Tisiologia, Pneumologia, Neurologia, Cirurgia Geral, Cirurgia Vascular e Periférica, Cirurgia Plástica, Neurocirurgia, Serviço de Medicina Nuclear, Protologia e Serviço de Pronto Atendimento. O Centro possui ainda uma Unidade de Terapia Intensiva.

SERVIÇO DE RELAÇÕES PÚBLICAS DA MARINHA

SAUDAÇÃO

SAUDAR a Marinha do Brasil, em nome do Exército e da Aeronáutica, além de tarefa honrosa, é, sobretudo, motivo de entusiasmo patriótico e de vibração cívica.

O mar, Sr. Ministro, em sua solidão imensa, ainda repleta de mistérios, onde a fúria dos elementos de Deus, quando desencadeada, coloca em constante risco de destruição as embarcações e seus tripulantes, seduziu sempre os homens fortes que mesclam o arrojo com nobres ideais.

Sulcando-o, destemidos nautas ocidentais fizeram aproar suas caravelas nas terras livres em que vivemos. Por temê-lo, outros povos estagnaram suas civilizações. A ânsia de dominá-lo, abrigada no peito dos heróicos navegadores do passado, foi a razão primeira de sua conquista.

A gloriosa Marinha brasileira, cujos integrantes, por seus sublimes predicados morais e profissionais, inscrevem-se na História, como lídimos sucessores daqueles navegantes, comemora, hoje, com orgulho justificado, o seu Dia de Festa, data de nascimento do Almirante Joaquim Marques Lisboa — Marquês de Tamandaré — seu insigne patrono.

Ao saudar, em Vossa Excelência, a nossa Marinha, em particular os velhos chefes que ajudaram, com devoção religiosa, a criá-la e desenvolvê-la, tornando-a forte e respeitada, quero, inicialmente, deter-me na figura ilustre de Tamandaré, cujos feitos envaideceriam qualquer nação.

Há homens — repito aqui o que disse alhures — que não morrem, pois, suas realizações ficam, eternamente, gravadas na memória da posteridade. TAMANDARÉ foi um deles. A crer na predestinação, foi um predestinado a lutar, com êxito, pela independência e unidade da Pátria.

Moço, quase menino, vemo-lo participar da famosa perseguição, sem tréguas, à esquadra lusa do General Madeira, que fugia para a antiga metrópole. A bordo da elegante fragata **Niterói**, que, velas enfunadas, atacou os navios portugueses, até à vista do Tejo, para voltar vitoriosa às águas brasileiras, deu Marques Lisboa provas inexcediveis de bravura.

Na guerra da Cisplatina, prisioneiro dos corsários argentinos, em sofridos meses de cativeiro, sobrepôs-se a todos os companheiros pelo estoicismo com que encarava a ad-

A MARINHA

versidade e a inabalável vontade de libertar-se. Ocorreu, então, o memorável episódio do brigue **Ana,** que, tomado ao inimigo, foi conduzido ao Brasil pelo futuro Marquês de Tamandaré.

Os movimentos dissociadores que surgiram na Regência e no Segundo Reinado, ameaçando a unidade do império, tiveram a repulsa imediata dos grandes brasileiros da época. Tamandaré combateu-os com sua invariável firmeza; ajudou a jugular a Cabanagem, reprimiu a Sabinada e cooperou para debelar a Balaiada e a Praieira.

Marcou, em todos estes acontecimentos, a presença da Marinha como fator de integração nacional.

Nas lutas externas não foi menos brilhante sua atuação. Esteve em Salto e Paissandu. Cobriu com o fogo de seus canhões o desembarque em Passo da Pátria e acompanhou, ao arrepio da corrente, a marcha do exército brasileiro no território inimigo.

No presente, como no passado, a Marinha continua vigilante na preservação de nossas riquezas e da integridade de nossas fronteiras.

O apoio que dá, na Amazônia, às longínquas e isoladas guarnições militares é comovente e nunca será esquecido.

Comungamos dos mesmos princípios, fortalecidos cada vez mais por fraternal compreensão de nossos deveres recíprocos.

A Marinha, o Exército e a nossa irmã mais jovem — porém não menos gloriosa — a Aeronáutica, estarão sempre unidos quando assim o exigirem os supremos interesses do país.

Enquanto estivermos coesos, não haverá mares tormentosos que façam soçobrar a nau de nossos ideais nem ventos procelosos que lhe mudem a derrota, venham eles de onde vierem.

Seguindo rumos seguros, traçados pelo nosso insigne Presidente Ernesto Geisel, ela há de chegar, caturrando tranqüilamente, à enseada da esperança, para atracar no porto dos grandes destinos de nossa Pátria.

Salve a Marinha do Brasil, orgulho de um passado, afirmação viva no presente, garantia de um venturoso porvir!

Jeu. Sylvestre

NÓS E A MARINHA

Desde a nossa formação comum, nos dias difíceis da consolidação da Independência, temos caminhado ao lado do Marinheiro, na paz e na guerra, ombro a ombro, em defesa dos interesses do Brasil. Em Riachuelo, essa colaboração foi tão estreita e fraternal, a ponto de um historiador assinalar que, no momento decisivo da peleja, "só o uniforme distinguia as corporações". Esse espírito de cooperação recíproca, de admiração e respeito mútuos, desenvolveu-se através dos tempos e chegou fortalecido aos nossos dias.

A Flotilha do Amazonas, que empreende notável papel na integração e desenvolvimento de áreas isoladas de nosso país, vem prestando importante colaboração ao Exército, com o transporte de tropas e suprimentos essenciais às nossas guarnições de fronteira. Nos pontos mais longínquos, como Rio Branco, Tabatinga e Cruzeiro do Sul, o encontro constante do Soldado e do Marinheiro é sempre cercado de grande alegria e camaradagem, ambos convencidos de que, irmanados, estão ajudando a construir o Brasil.

As escolas e centros de instrução são locais onde há um grande congraçamento entre os soldados de terra e do mar. Nas escolas de especialização, como a Brigada Aeroterrestre e o CONSAC, nas de aperfeiçoamento como a EsAO, nas Escolas de Estado-Maior, além da ESG, instrutores e alunos de ambas as Forças debruçam-se sobre problemas comuns, convivem enfrentando as mesmas dificuldades, compartilham as alegrias, conhecem-se mutuamente e preparam-se para um eficiente emprego conjunto.

O Exército e a Marinha participaram de diversas operações combinadas. Dentre as mais recentes, registramos a Operação Boiadeiro, realizada em 1971 no Mato Grosso. Nessa manobra militar, o navio-transporte **Paraguassu** realizou o transporte de tropas do Exército, que participavam do exercício. Em 1973, foi executado o transporte de vulto, de tropa e material, entre os portos do Rio de Janeiro e de Vitória. O navio-transporte **Barroso Pereira** conduziu cerca de mil homens e os navios de desembarque de carros de combate **Duque de Caxias** e **Garcia D'Ávila** transportaram 195 viaturas, tanques e blindados. Essas operações comprovaram a eficiência dessas unidades navais e o elevado grau de adestramento de suas guarnições.

TAMANDARÉ,

O MARINHEIRO EXEMPLO

Almirante Joaquim Marques Lisboa, o Marquês de Tamandaré, ou, carinhosamente, apenas Tamandaré, do mesmo modo que Caxias, na simplificação familiar de intimidade preferida pelos brasileiros.

O guri dos pampas sulinos, de irresistível vocação marinheira e que, em uma única ocasião em sua heróica existência, rendeu-se, aos imperativos, chamados do mar.

O voluntário praticante de piloto, que, em 1823, atendendo ao impulso maior de lutar pela consolidação da Independência, teve o seu batismo de fogo durante o bloqueio da nau **Pedro I**, na Bahia, prosseguindo na perseguição da esquadra lusa até a foz do Tejo.

O homem inteiramente dedicado à Marinha e ao Brasil.

O jovem oficial atento às lições e aos exemplos dos grandes marinheiros da época de seu aprendizado, como Norton, Greenfell, Taylor, de quem foi ajudante-de-navegação na fragata **Niterói** e o Primeiro-Almirante Lorde Cochrane, que o apontou a D. Pedro I como "uma das mais promissoras esperanças da Marinha Brasileira", num vaticínio feliz sobre aquele que seria mais tarde "o Nélson Brasileiro".

O primeiro-tenente que se destacou na Cisplatina, por repetidos atos de bravura, a par de sua grande perícia e valor profissional.

O militar e patriota, sempre pronto a atender aos chamados do Brasil, nos dias agitados e incertos da monarquia e das regências, quando periclitou a Unidade Nacional.

O Marinheiro Exemplo, que, ao lado de Caxias, tomou parte na Abrilada, na Balaiada, na Guerra dos Farrapos, na guerra contra Oribe e Rosas e na Guerra do Paraguai e colaborou na pacificação da Guerra dos Cabanos e da Praieira. O chefe de escol, primando pelo exemplo, ampliando o brilho de seu talento a cada cometimento, dando lições de coragem, disciplina e habilidade, apanágios maiores dos nossos homens do mar.

O Homem, na sua expressão mais profunda e comovente, pondo em risco a sua vida, em várias oportunidades, para salvar a de seus semelhantes.

A própria história viva da Marinha Brasileira, no dizer de Garcez Palha, sintetizando o pensamento de todos nós.

O Patrono da Marinha Brasileira, seu maior laurel, pelo muito que realizou pela sua Marinha, pela nossa Marinha, pelo nosso querido Brasil.

NO MAR homenageou o Exército

No Mar, a precisa e dinâmica publicação editada pelo Centro de Relações Públicas da Marinha, dedicou o seu número 336 ao Exército e ao Dia do Soldado.

"O quartel do seu Exército continua na Amazônia. Continua, porque sempre esteve dentro da amplidão verde que a farda conquista para a nossa economia. Ao lado da FAB e da Marinha de Guerra, no mesmo abraço integrador, vai o verde-oliva rasgando espaços de integração, numa resposta viva ao maior desafio do século: a Amazônia." Este é um trecho da edição especial de **No Mar**, em nossa homenagem, onde é perfeitamente sintetizada a nossa formação e a participação do Exército na segurança e na integração nacional.

Um resumo histórico da Força Terrestre no Brasil, a atuação do nosso Patrono, o desenvolvimento do ensino e da tecnologia, o papel da nossa Engenharia na guerra e na paz e a presença do Exército na Amazônia foram os assuntos selecionados para a citada edição.

O excelente conteúdo, a criteriosa seleção das matérias e a primorosa apresentação gráfica, enriquecida por fotos coloridas, fazem dessa edição especial de **No Mar** uma verdadeira síntese do Exército.

Ao registrarmos o evento, com enorme satisfação, agradecemos sensibilizados aos nossos companheiros da Marinha, convencidos de que o conhecimento mútuo de nossas atividades passadas e presentes é mais um fator para a permanente integração dos soldados de terra e mar.

FUZILEIROS NAVAIS
Tropa de Elite

O fuzileiro naval é o combatente anfíbio por excelência, um soldado de escol, adestrado para atuar sob as mais adversas condições. O domínio do terreno — sua missão principal — é obtido quando se lança impetuosamente ao assalto e conquista a cabeça-de-praia, no combate corpo a corpo, impondo o seu valor e sua vontade ao inimigo.

Especializado em operações terrestres de caráter naval, utilizando os mais diversos meios de transporte, como navios, aviões, helicópteros, viaturas blindadas anfíbias e o pára-quedas e aperfeiçoando constantemente a tática, a técnica e a doutrina das Forças de Desembarque em Operações Anfíbias, o fuzileiro naval está apto a cumprir as mais variadas e árduas missões. Colimando a sua excelente preparação, participa anualmente de manobras de grande envergadura, como as Operações Dragão e Veritas, onde ratifica as suas qualidades e eficiência de combatente anfíbio.

O Corpo de Fuzileiros Navais, atualmente com 166 anos de existência, é uma das tropas mais tradicionais de nossa Marinha de Guerra, de que é parte integrante, como componente terrestre do Poder Naval.

Originário da Brigada Real da Marinha, de Portugal, chegou ao Brasil com a Família Real em 1808 e, após receber várias denominações, participando com brilhantismo de nossa História, transformou-se na Força de elite do presente, admirada por todos e a quem homenageamos nesta data. O Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais está situado na histórica Fortaleza de São José, na Ilha das Cobras.

O Corpo de Fuzileiros Navais, diretamente subordinado ao Comando de Operações Navais, tem como principal elemento de combate, para as operações anfíbias, a Força de Fuzileiros da Esquadra, constituída de duas grandes unidades: a Divisão Anfíbia e o Comando de Reforço. Delas são retirados os meios para compor os grupamentos de desembarque, de composição versátil, incluindo tropas de Infantaria, Artilharia, Engenharia, Comunicações, Reconhecimento Anfíbio, Blindados, Helicópteros e Viaturas Anfíbias, de acordo com a complexidade da missão a cumprir. Além da Força de Fuzileiros da Esquadra, existem os Grupamentos Regionais, órgãos das Forças de Segurança, localizados no litoral e nas nossas fronteiras, que cumprem missões importantes de defesa territorial e segurança interna, compatíveis com sua composição.

A essa notável tropa de elite de nossa Marinha, que tem a consciência de seu valor retratada em extraordinário espírito de corpo e conduta exemplar, rendemos as nossas justas homenagens no Dia do Marinheiro.